

# humanitas

Vol. XLVII - Vol. I

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

Vol. XLVII • TOMO I  
MCMXCV

1.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA  
DA DOUTORA MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA



JOÃO BEATO  
*Universidade de Lisboa*

## CALPÚRNIO SÍCULO: UM POETA POBRE OU UM POBRE POETA?

Uma questão não desprovida de significado, mas deveras importante, que se coloca a qualquer estudioso da obra de Tito Calpúrnio Sículo é a de saber se ele é um poeta pobre ou um pobre poeta. Dada a falta de elementos externos que nos permitam encontrar uma resposta satisfatória para esta questão, há que recorrer aos elementos internos, contidos na sua obra, no sentido de neles encontrarmos a resposta que procuramos. Ora, uma análise atenta e permonorizada de alguns desses elementos leva-nos, de imediato, a concluir que Calpúrnio Sículo é um poeta pobre e não um pobre poeta.

### 1. CALPÚRNIO É UM POETA POBRE

Antes de mais, Calpúrnio Sículo é um poeta pobre. E esta verificação resulta, fundamentalmente, da família a que pertence, da indumentária que veste, da alimentação que adopta, da protecção que requer.

#### 1.1. A FAMÍLIA A QUE PERTENCE

Uma das marcas que melhor caracteriza o nível social de uma pessoa é, sem dúvida, o *status* económico em que essa pessoa se encontra inserida. Ainda que as *Bucólicas* de Calpúrnio não contenham qualquer referência à sua família entendida de uma forma genérica — o que há são breves

alusões aos seus irmãos, Órnito (*Ecl.* 1,8)<sup>1</sup> e Amintas (*Ecl.* 4, 17; 4,78), para salientar as respectivas apetências poéticas — a verdade é que a *Laus Pisonis*, que alguns críticos literários, baseados em critérios que nós próprios consideramos pertinentes, atribuem igualmente ao autor das *Bucólicas*<sup>2</sup>, se revela, a este propósito, bastante explícita. Com efeito, o autor da *Laus Pisonis*, ao abordar a sua ascendência familiar, afirma de maneira clara e peremptória: *Nos humilis domus et sincera, parentum / sed tenuis fortuna sua caligine celat* (vv. 254-255)<sup>3</sup>. A pertença a uma família pobre ainda que honesta, contida nestes versos, talvez «un affranchi ou un fils d'affranchi de la gens Calpurnia»<sup>4</sup>, parece ser a que melhor corresponde à actuação de Córidon-Calpúrnio<sup>5</sup> descrita nas *Bucólicas*. Daqui que nos sintamos levados a afirmar, sem grandes margens para dúvidas, estarmos diante de um poeta oriundo de uma família humilde e, por consequência, dotada de poucos recursos materiais.

## 1.2. A INDUMENTÁRIA QUE VESTE

Sinal evidente da pertença de Calpúrnio a uma família pobre é a indumentária que veste numa hora particularmente festiva e importante da sua vida: aquela em que se desloca aos jogos efectuados no anfiteatro romano, construído no ano 57 d. C.<sup>6</sup>, e se predispõe a ver de perto o

<sup>1</sup> Nas citações das *Bucólicas* de Calpúrnio adoptamos a edição de C. Giarratano, *Calpurnii et Nemesiani Bucolica, Einsidlenia Carmina*, Torino, 1951<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> Sobre a atribuição da *Laus Pisonis* a Calpúrnio Sículo, cf. A. Salvatore, «De Laude Pisonis cum Panegyrico Messalae atque Calpurnii Bucolicis comparatis», *RFIC* 27, 1949, 177-190; R. Verdière (ed.), T. Calpurnii Siculi, *De laude Pisonis et Bucolica* et M. Annaei Lucani, *De laude Caesaris, Einsidlenia quae dicuntur Carmina*, Bruxelles, 1954, 27-31; Id., *Études Prosodique et Métrique du «De laude Pisonis» et des «Bucolica» de T. Calpurnius Siculus*, Rome, 1971, 140-143; G. Duckwort, *Vergil and Classical Hexameter Poetry. A Study in Metrical Variety*, Michigan, 1969, 96-97; J. Amat (ed.), *Calpurnius Siculus, Bucoliques — Pseudo-Calpurnius, Éloge de Pison*, Paris, 1991, 71 sqq.

<sup>3</sup> Nas citações da *Laus Pisonis* utilizamos a edição de J. Amat, *op. cit.*, *ut supra*.

<sup>4</sup> Cf. E. Cizek, *L'Époque de Néron et ses Controverses Idéologiques*, Leiden, 1972, 373.

<sup>5</sup> Cf. L. Herrmann, «Les pseudonymes dans les *Bucoliques* de Calpurnius Siculus», *Latomus* 11, 1952, 34-35; R. Verdière, T. Calpurnii Siculi, *De laude Pisonis et Bucolica...*, *op. cit.*, 54; D. Korzeniewski, *Hirtengedicht aus neronischer Zeit. Titus Calpurnius Siculus und die Einsidler Gedichte*, Darmstadt, 1971, 1; J. Amat, *op. cit.*, XXV.

<sup>6</sup> Não obstante haver alguns autores que não identificam o anfiteatro descrito por Calpúrnio com o anfiteatro neroniano, entre os quais se incluem K. Ostrand,

jovem Nero, *iuuenis deus*<sup>7</sup>. Consciente da pobreza da sua indumentária e da segregação que a mesma originava, Córidon-Calpúrnio não deixa de se expressar de forma triste e magoada, quando escreve na Écloga VII: *O utinam nobis non rustica uestis inesset: / uidissem propius mea numina! sed mihi sordes / pullaque paupertas et adunco fibula morsu / obfuerunt* (vv. 79-82). A verificação de que a roupa de campónio, que usava, fora um dos factores impeditivos do seu acesso a um lugar suficientemente próximo e capaz de lhe facultar o diálogo esperado com o jovem impedador deverá ter contribuído, de forma determinante, para o consciencializar da segregação social que a pobreza em si comporta e de que a indumentária que se veste é simplesmente uma pálida imagem.

### 1.3. A ALIMENTAÇÃO QUE ADOPTA

O género de alimentação a que Córidon-Calpúrnio, nas *Bucólicas*, se diz forçado a recorrer para matar a fome, testemunha igualmente, de forma manifesta e inequívoca, a sua escassez de bens materiais. No diálogo que trava com Melibeu<sup>8</sup>, um dos protectores que terá encontrado transitoriamente no seu caminho, as palavras que emprega traduzem, com objectividade e precisão, a extrema indigência a que se terá visto reduzido, num momento crucial da sua vida: *Certe ne fraga rubosque / collige-*

---

*Aspects of the Reign of the Emperor Domitian*, Columbia, 1984, 14 sqq., E. Champlin, «The life and times of Calpurnius Siculus», *JRS* 68, 1978, 95-110 e E. Courtney, «Imitation, chronologie littéraire et Calpurnius Siculus», *REL* 65, 1987, 148-157, a verdade é que autores como R. Verdière, «Calpurnius, en fin d'analyse», *Helmantica* XLIV, 1993, 133-135, 370 seqq., E. Cizek, *op. cit.*, 371 seqq., D. Korzeniewski, *op. cit.*, 1-6 e J. Amat, *op. cit.*, XXIII-XXIV se manifestam absolutamente favoráveis a tal identificação. Para um estudo mais aprofundado deste assunto, cf. J. Beato, *Situação, Análise e Projecção das Bucólicas de T. Calpúrnio Sículo* (dact.), Lisboa, Faculdade de Letras, 1993, 22.

<sup>7</sup> Sobre esta identificação, cf., entre outros, R. Verdière, «À quelle époque vécut T. Calpurnius Siculus?», in *Neronia* III, Roma, 1987, 137-138 e J. Amat, *op. cit.*, VII-XI.

<sup>8</sup> Melibeu, nome de um pastor referenciado por Virgílio nas suas *Bucólicas*, é, nas *Bucólicas* de Calpúrnio, o pseudónimo de um influente Mecenas que tem sido identificado com: a) Séneca (C. Morelli, «Nerone poeta e i poeti intorno a Nerone», *Athenaeum* 2, 1914, 12); b) Columela (F. Chytil, *Der Eklogendichter T. Calpurnius Siculus und seine Vorbilder*, Progr. Znaim, 1894, 6); c) M. Valério Messala Corvino, cônsul contemporâneo de Nero (J. Hubaux, *Les Thèmes Bucoliques dans la Poésie Latine*, Bruxelles, 1930, 168-169); d) Calpúrnio Pisão (L. Hermmann, *art. cit.*, 28-29; A. Mahr, *Untersuchungen zur Sprache in den Eklogen des Calpurnius Siculus*, Wien, 1963, 23-24). Destas várias hipóteses, a que se afigura mais provável é a que identifica Melibeu com Calpúrnio Pisão (R. Verdière, T. Calpurnii Siculi, *De laude Pisonis et Bucolica...*, *op. cit.*, 49-51).

*rem uiridique famem solarer hibisco, / tu facis* (Ecl. 4,31-33). Assinale-se, desde já, que os morangos e as amoras silvestres bem como o verde hibisco<sup>9</sup> são aqui mencionados como alimentos de recurso, dado o facto de o nosso poeta os utilizar, em virtude de se ver privado dos alimentos que considera essenciais à sua subsistência. E, dando continuidade à enumeração dos alimentos que acabamos de referir, Calpúrnio recorda ainda o fruto da faia, alimento de que se terá socorrido para fugir aos jejuns inverniais, antes de beneficiar da necessária protecção de Melibeu: *Tu nostras miseratus opes docilemque iuuentam / hiberna prohibes ieiunia soluere fago* (Ecl. 4.34-35). Mercê destas escassas ainda que significativas referências, contidas nas *Bucólicas*, alusivas ao género de alimentação praticado por Calpúrnio, pelo menos numa época particularmente crítica da sua vida, não se torna difícil descortinar a sua pertença a uma família pobre.

#### 1.4. A PROTECÇÃO QUE REQUER

Requerer a protecção de alguém, ao mesmo tempo que manifesta uma situação de dependência, constitui, não raras vezes, um sinal de pobreza. Calpúrnio não ignora esta realidade, pressionado como está pela necessidade de sobrevivência económica e de afirmação literária. É a consciência de tal realidade que o leva, num primeiro momento, a solicitar o apoio e a ajuda de Melibeu e, num segundo momento, a protecção do próprio imperador. Melibeu, ao que tudo indica, não se mostra indiferente ao pedido do nosso poeta, uma vez que este, referindo-se àquele, afirma a dado passo: *Tua nos alit indulgentia farre* (Ecl. 4, 33). Graças à ajuda económica, naturalmente passageira, dispensada por Melibeu, não é de estranhar que Calpúrnio tenha adquirido uma certa serenidade interior, como o dá claramente a entender quando escreve: *Ecce nihil querulum per te, Meliboe, sonamus* (Ecl. 4, 36). Apesar de se sentir liberto, numa determinada ocorrência da sua vida, da miséria e da fome, Calpúrnio não é insensível ao facto de a pobreza o mergulhar, sistematicamente, «dans une obscurité quasi inéluctable»<sup>10</sup>. Daqui o seu esforço no sentido de alcançar a protecção do próprio imperador «a great patron of the arts»<sup>11</sup>.

<sup>9</sup> O hibisco a que se refere Calpúrnio é, muito provavelmente, o *hibiscus esculentus*, dado que esta espécie, além de ser cultivada no sudeste e centro da Europa, era comestível (Cf. L. Bailey, *The Standard Cyclopedia of Horticulture*, Cambridge, 1968, s.v. *hibiscus esculentus*).

<sup>10</sup> J. Amat, *op. cit.*, XVI.

<sup>11</sup> R. Ogilvie, *Roman Literature and Society*, New York, 1980, 185.

Tal esforço, ao contrário do que de início sucedera com Melibeu, não foi, porém, acompanhado do indispensável êxito. No momento singular em que o poeta se empenhava, de forma denodada, por fazer chegar junto do imperador, *ad Augustas aures*, o seu pedido, viu-se limitado a contemplar a sua imagem não de perto, mas *longius* (*Ecl.* 7,83). Assim, a fortuna que, ao que tudo indica, não terá sorrido ao nosso poeta, aquando do seu nascimento para o mundo dos homens, também se lhe revelou madrasta, aquando do seu desejável nascimento para o mundo das letras. A esta perspectiva têm, pois, plena razão de ser os versos de Eugénio de Castro quando num soneto, que dedica a Calpúrnio Sículo, se lhe refere nestes termos: *Assim sou eu também. Pobre de haveres, / conquistando o meu pão com os meus suores, / vivo amarrado a ocupações mesquinhas... / As minhas pedras são os meus deveres, / e não podendo desatar-me em flores, / contento-me em criar débeis ervinhas*<sup>12</sup>.

## 2. CALPÚRNIO NÃO É UM POBRE POETA

Se Calpúrnio Sículo, na sequência dos argumentos que acabamos de aduzir extraídos da sua obra, se afigura um poeta pobre, a verdade é que não é um pobre poeta. E isto em virtude do ideal estético que procura, da beleza descritiva que revela, da riqueza cromática que ostenta, da força documental que encerra.

### 2.1. O IDEAL ESTÉTICO QUE PROCURA

Uma das constantes da obra de Calpúrnio é a procura de um ideal estético. Não contente com a réstia de luz que em si se manifesta, é notória, da sua parte, a vontade de um aperfeiçoamento que lhe garanta um lugar ao sol no cenáculo dos homens de letras. O *limae labor*, de que já falava Horácio<sup>13</sup>, não é estranho a Calpúrnio, já que a dado momento pergunta a Melibeu se este está disposto a corrigir-lhe os versos que ele próprio acaba de compor: *Vis, hodierna tua subigatur pagina lima?* (*Ecl.* 4, 52)<sup>14</sup>. E, na esperança de que Melibeu aceda ao seu pedido, imagina-se já

<sup>12</sup> E. Castro, *Camafeus Romanos*, Lisboa, 1921, 52.

<sup>13</sup> Cf. *Ars* 291.

<sup>14</sup> Além de Horácio e de Calpúrnio, Ovídio (*Pont.* 1,5,19; *Tr.*1,7,30) e Marcial (5,80,13; 10,2,3) referem-se igualmente à *lima*. O objectivo de tais referências é assinalar a perfeição da obra poética, quer por parte do autor quer do leitor.

a receber o apoio de que carece para vencer a própria timidez e experimentar a siringe que lhe foi cedida pelo douto Iolas: *Quod si tu faueas trepido mihi, forsitan illos / experiar calamos, here quos mihi doctus Iollas / donauit* (Ecl. 4, 58-60)<sup>15</sup>. Este profundo desejo de perfeição sentido por Córídon-Calpúrnio, para além de o levar a submeter à apreciação dos outros as composições poéticas por si elaboradas, impele-o também a desejar imitar o modelo de poeta que se esconde por detrás do nome de Títiro. Devidamente atento a esta pretensão, Melibeu não se tem em si que não exclame: *Magna petis, Corydon, si Tityrus esse labores* (Ecl. 4, 64). Apesar da velada manifestação de censura, que se pressente nesta fala de Melibeu, a verdade é que não se pode olvidar o manifesto desejo de perfeição que se acoberta por detrás das palavras de Córídon. Plenamente consciente de que Melibeu tem por seu lado a assistência de Apolo, Córídon não se detém que não exclame: *Tu tantum commodus audi: / scimus enim, quam te non aspernetur Apollo* (Ecl. 4,71-72). Convicto do apoio de Melibeu, a quem Apolo não despreza, Córídon-Calpúrnio dispõe-se então a entoar o seu cântico. Este, ao ser considerado por Melibeu mais cristalino e mais doce do que o néctar que *Peligna solent examina lambere* (Ecl. 4,151), há-de impulsionar o nosso poeta, à semelhança do que outrora sucedeu com Virgílio, a primeiro cantar os campos e só depois as armas: *Rura prius, sed post cantabimus arma* (Ecl. 4, 163). Aliando o seu desejo de aperfeiçoamento bucólico à preocupação de abarcar também o género épico (Ecl. 4, 5-6), Córídon-Calpúrnio surge-nos assim como um poeta profundamente dominado pelo ideal estético da perfeição, o que aliás se coaduna com o tempo em que lhe foi dado viver na *magna Roma*.

## 2.2. A BELEZA DESCRITIVA QUE REVELA

A procura de um ideal estético por parte de Calpúrnio não é um sonho utópico ou um desiderato inatingível. Muito ao contrário, é uma realidade ao alcance da sua estatura de poeta. A comprová-lo estão, além do mais, várias descrições contidas nas *Bucólicas* cuja beleza não pode deixar de impressionar viva e fortemente qualquer cultor da poesia. Dessas descrições destacamos apenas três que, pela sua variedade e diversidade, são susceptíveis de nos revelar a beleza de muitos dos versos calpurnianos.

<sup>15</sup> Repare-se no adjectivo *doctus* usado por Calpúrnio para qualificar Iolas. Este pastor, segundo Wensdorf, «serait un poète qui a suggéré à Calpurnius d'écrire des églogues» (Cf. J. Amat, *op. cit.*, 109, n.79).

A primeira encontra-se na *Écloga I* e refere-se ao aparecimento de um cometa que não há muito tempo acabara de brilhar nos céus de Roma. Atendamos às palavras que o poeta atribui ao oráculo profético de Fauno: *Cernitis ut puro nox iam uicissima caelo / fulgeat et placida radiantem luce cometem / proferat? ut liquidum niteat sine uulnere sidus? / numquid utrumque polum, sicut solet, igne cruento / spargit et ardenti scintillat sanguine lampas?* (*Ecl.* 1, 77-81). Como é notório, estas palavras começam por nos sensibilizar para a importância do cometa que há cerca de vinte noites ilumina com a sua plácida luz, *fulgeat...placida luce*, o límpido céu da *magna Roma*. Depois, num segundo momento, descrevem-nos algumas das características do referido cometa. Este brilha sem mancha, *niteat sine ulnere*, banha com um fogo cor de sangue os dois pólos da terra, *utrumque polum...igne cruento spargit* e cintila com um sangue ardente, *ardenti scintillat sanguine*. Como se pode observar, é patente nesta descrição a sequência das formas verbais *fulgeat, niteat, spargit* e *scintillat* acrescida das expressões cromáticas *placida luce, igne cruento* e *ardenti sanguine* a conferirem ao cometa uma intensidade e uma variedade luminosas de admirável recorte literário. Não sendo demasiado frequente, no céu de Roma, o aparecimento de um cometa, o poeta recorre a uma linguagem afastada da vulgaridade para fazer a sua descrição, o que origina no espírito dos leitores um sentimento de espanto e admiração, dada a sua inegável beleza formal.

A segunda descrição encontra-se na *Écloga II* e refere-se à variedade das personagens que, sob o juízo de Tírsis, se dispõem a assistir ao canto amebou travado entre Idas e Ástaco. Atendamos às palavras usadas por Calpúrnio, quando nos faz o relato das personagens que comparecem ao certame entre os dois pastores: *affuit omne genus pecudum, genus omne ferarum / et quodcumque uagis altum ferit aera pennis. / conuenit umbrosa quicumque sub ilice lentus / pascit oves, Faunusque pater Satyrique bicornes; / affuerunt sicco Dryades pede, Naides udo, / et tenuere suos properantia flumina cursus; / desistunt tremulis incurere frondibus Euri / altaque per totos fecere silentia montes. / omnia cessabant* (vv.10-18). Conforme podemos observar por meio desta descrição, nenhum ser, qualquer que seja a sua natureza ou a sua situação hierárquica, se escusa a assistir ao canto de Idas e de Ástaco. Desde os ventos, *Euri*, aos montes, *montes*, aos rios, *flumina*, passando pelas aves, *quodcumque uagis altum ferit aera pennis*, pelos animais domésticos, *omne genus pecudum* e selvagens, *genus omne ferarum* e incluindo os pastores, *quicumque pascit oves*, as ninfas, *Dryades et Naides* e o deus Fauno, *Faunusque*, todos os seres irracionais, vegetais, sensitivos e intelectuais, quer humanos quer divinos

assistem ao certame. Daqui a justeza da expressão usada pelo poeta e que compendia em si, de maneira admirável, a atitude global da natureza que assiste ao canto dos dois pastores: *omnia cessabant*.

A terceira descrição encontra-se na *Écloga VI* e refere-se a um javali que Astilo se dispõe a ofertar a Lícidas, caso este vença o certame poético que um e outro afirmam querer travar entre si. Atendamos às palavras do nosso poeta: *Aspicis, ut fructificat lacte caput utque sub ipsis / cornibus et tereti pendent redimicula collo? / aspicis, ut niueo frons inretita capistro / lucet et, a dorso quae totam circum aluum, / alternat uitreas lateralis cingula bullas? / cornua summa (uides?) ramosaque tempora molles / impli-cuere rosae rutiloque monilia torque / extrema cervice natant, ubi pendulus apri / dens sedet et niuea distinguit pectora luna* (vv. 37-45). Ainda que a presente descrição tenha os seus antecedentes literários em Virgílio (*A.* 7, 483 sqq.), em Ovídio (*Met.* 10. 110 sqq.) e num ou noutro passo de Horácio (*Carm.* 2,5, 57-58), tal facto em nada afecta a beleza descritiva, a riqueza imagística e a variedade cromática que nela se manifestam. Para disto nos apercebermos, basta repararmos no rigor das expressões: *tereti collo*, *ramosa tempora*, *extrema ceruice*; na beleza das imagens: *frons inretita*, *moles rosae*, *niuea luna*; na coloração dos objectos: *niueo capistro*, *uitreas bullas*, *rutilo torque*. A existência de todos estes elementos na presente descrição é de molde a certificar-nos de que estamos diante de um poeta verdadeiramente sensível ao mundo em que se move. Pode este mundo ser astral, vegetal, animal, humano ou divino, mas isso não importa. O que importa é não lhe ser estranho, mas saber captá-lo e traduzi-lo em imagens de inegável beleza literária. E Calpúrnio revela ser um poeta talentoso, não só ao captar as realidades do mundo em que vive, mas, mais do que isso, ao saber transmiti-las de forma atraente e sedutora na sua linguagem bucólica.

### 2.3. A RIQUEZA CROMÁTICA QUE OSTENTA

Um dos aspectos que caracteriza a obra de Calpúrnio e que o distingue de alguns poetas que o antecederam ou se lhe seguiram é a riqueza cromática que ostenta<sup>16</sup>. Uma análise sumária das *Bucólicas* permite-nos

<sup>16</sup> Relativamente à problemática da cor na poesia latina, cf., entre outros, J. André, *Étude sur les Termes de Couleur dans la Langue Latine*, Paris, 1949; N. Baran, «Les caractéristiques essentielles du vocabulaire chromatique latin», ANRW II.29.1, 328-329.

concluir que sete são basicamente as cores que constituem o espectro cromático calpurniano: o branco, *albus, candidus, niueus*; o negro, *niger, nocturnus*; o verde, *uiridis, uitreus*; o amarelo, *aureus, luridus, palidus*; o vermelho, *cruentus, rubicundus*; o azul, *caelestis* e o cinzento, *canus*. Naturalmente que, para além destes vários epítetos designativos das cores, há na obra do nosso poeta toda uma série de substantivos e de verbos em que é notória a existência de uma coloração. Basta-nos recordar substantivos como *lac, nix, herba, aurus, ignis, sanguis, fumus* ou verbos como *adumbrare, albere, nitere, uirere, uiridare, pallere*, etc., para logo aflorarem ao nosso espírito as conotações cromáticas que lhes estão anexas.

O branco, símbolo da eleição e da alegria, aparece-nos atribuído a objectos, *niueo capistro* (*Ecl.* 6,39); a alimentos, *niueus...caseus* (*Ecl.* 2,70); a astros, *niuea... luna* (*Ecl.* 6,45); a plantas, *candida lilia* (*Ecl.* 6,33) e a homens, *candidus alter erat* (*Ecl.* 6,14). Já o negro, símbolo da rejeição e da tristeza, surge-nos a caracterizar o orvalho da noite, *nocturno...rore* (*Ecl.* 5,54); determinadas plantas, *lilia nigra* (*Ecl.* 3,51); os prazeres nocturnos, *nocturna... gaudia* (*Ecl.* 1,14) e o macho da ovelha, *niger...maritus ouis* (*Ecl.* 2, 36-37). Por seu lado, o verde, cor que anda associada à esperança, ocorre a qualificar certos objectos, *uitreas... bullas* (*Ecl.* 6,41); uma gruta, *uiridi...antro* (*Ecl.* 4,95); a água das fontes, *uirides...undas* (*Ecl.* 2,57); um tipo de planta, *uiridi...hibisco* (*Ecl.* 4,32); a casca dos ouriços, *uirides echinni* (*Ecl.* 2,83) e a verde estação do ano, *uiridis annus* (*Ecl.* 5,21). Curiosamente o amarelo, «la plus chaude, la plus expansive, la plus ardente des couleurs»<sup>17</sup> é-nos apresentada como a cor que diferencia algumas ofertas, *aurea...munera* (*Ecl.* 3,81), certas plantas, *lurida galbana* (*Ecl.* 5,89), determinados frutos, *aurea... arbuta* (*Ecl.* 7,72) e uma ou outra pessoa, *pallidus alter* (*Ecl.* 6,12). Por sua vez o vermelho, «couleur de feu et de sang»<sup>18</sup>, surge-nos associado ao fogo, *igne cruento* (*Ecl.* 1,80) e a um género de frutos, *rubicunda...cornu* (*Ecl.* 4,24). No que concerne ao azul, «la plus immatérielle des couleurs»<sup>19</sup>, há que ter presente que ele só muito raramente é mencionado, de forma explícita, pelo nosso poeta. Apesar de se pressentir subjacente ao vocábulo *caelum*, frequentes vezes usado, o azul, que simboliza serenidade, é a cor atribuída a um determinado tipo de fios, *caelestia fila* (*Ecl.* 4, 140).

<sup>17</sup> Cf. J. Chevalier — A. Gheerbrant, *Dictionnaire des Symboles*, Paris, 1974, s.v. «jaune».

<sup>18</sup> Cf. id., *ibid.*, s.v. «rouge».

<sup>19</sup> Cf. id., *ibid.*, s.v. «bleu».

Por sua vez o cinzento, uma das cores menos referidas por Calpúrnio, é a cor escolhida para qualificar os rebentos das plantas banhados pela luz do amanhecer, *cana... germina* (*Ecl.* 5,6).

Mercê destas poucas alusões cromáticas, dentre as muitas que poderíamos aduzir, torna-se fácil avaliar a influência que a cor desempenha nas *Bucólicas* de Calpúrnio. Recorrendo à cor de maneira frequente e sistemática, o poeta utiliza-a para caracterizar fenómenos naturais, objectos, instrumentos, lugares, plantas, frutos, animais, homens e divindades. Como pintor admirável da natureza que é, Calpúrnio serve-se de palavras ricas de tonalidades cromáticas para recriar imagens de incontestável recorte estético e literário.

#### 2.4. A FORÇA DOCUMENTAL QUE ENCERRA

Um factor raramente mencionado e, quanto a nós, de assinalável importância na obra de Calpúrnio é a força documental que ela encerra. Quando nos pomos a pensar no enorme hiato que, ao nível da produção bucólica, medeia entre o séc. I a.C., em que sobressaem as *Bucólicas* de Virgílio, e o séc. III d. C., em que emergem as *Bucólicas* de Nemesiano, não podemos deixar de atribuir o devido relevo à obra de Calpúrnio. É que esta situa-se, segundo a opinião mais comum dos críticos literários, na segunda metade do séc. I d.C.<sup>20</sup> e constitui um dos poucos testemunhos existentes da notável produção bucólica que terá caracterizado a época de Nero<sup>21</sup> e que, infelizmente, se perdeu na sua quase totalidade. Daqui a importância de um texto como o da *Écloga VII*, que integra as *Bucólicas* de Calpúrnio, no qual se alude aos jogos efectuados no anfiteatro neroniano construído, como se disse, no ano 57 da nossa era. E isto, quer do ponto de vista histórico quer literário. Histórico, na medida em que nos permite reconstituir a estrutura do referido anfiteatro, o tipo de pessoas que o frequentavam, o lugar que estas nele ocupavam, bem como a variedade e raridade dos animais que actuavam na respectiva arena. Literário, na medida em que nos manifesta uma subversão do cenário

<sup>20</sup> Sobre a situação histórica de Calpúrnio e da sua obra, cf., além de outros, J. Beato, *op. cit.*, 17-22.

<sup>21</sup> No que concerne à produção bucólica no tempo de Nero, cf. J. Hubaux, *op. cit.* 156-239; I. Lana, *La Poesia nell'Età di Nerone*, Torino, 111-151; E. Cizek, «À propos de la littérature classique au temps de Néron», *StudClas.* 10,1968, 147-157; V. Ceder, *The Latin Pastoral Eclogue after Vergil*, University of Wisconsin-Madison, 1984, 24-59.

bucólico convencional, com as inevitáveis repercussões na produção bucólica posterior. Com efeito, na referida écloga, o campo dá lugar à cidade, as ocorrências ocasionais são suplantadas por ocorrências insólitas, as actividades laborais são preteridas por actividades lúdicas e as relações individuais são dominadas pelas relações sociais. Daqui resulta que todo o cenário bucólico é posto em causa, já que o próprio *locus amoenus* abre o caminho ao *locus terribilis*<sup>22</sup>. Ora, se, por um lado, esta subversão, mais aparente do que real, representa uma ruptura frente às normas convencionais até então dominantes, por outro lado, ela rasga também novos caminhos à poesia bucólica posterior, na medida em que lhe franqueia novos espaços. A prova do que acabamos de afirmar pode encontrar-se, por exemplo, na poesia bucólica renascentista na qual alguns temas, até então recusados e excluídos, ocupam um lugar de apreciável relevo.

---

<sup>22</sup> A propósito destes «topoi» na poesia latina, cf. K. Garber, *Der Locus Amoenus und der Locus Terribilis*, Wien, 1974; E. Curtius, *Literatura Europeia e Idade Média Latina*, Rio de Janeiro, 1957, 202; D. Bazán, *Visión Diacrónica de la Poesía Bucólica* (dact.), Lima, 1982, 56 sqq.